



Manual do professor digital

Ficha da obra

Obra: *Mandela: o africano de todas as cores*

Autor: Alain Serres

Ilustrador: Zaü

Tradutor: André Telles

Categoria: 1

Segmento: 6º ao 7º anos do Ensino Fundamental II

Tema: Encontros com a diferença

Gênero: Memória, diário, biografia, relatos de experiências

Editora: Zahar

Biografia do autor

Alain Serres nasceu na região de Biarritz, na França, em 1956, e é autor de mais de cem títulos infantojuvenis, muitos dos quais foram traduzidos para diversos idiomas. Em 1996, fundou a Rue du Monde, conceituada editora francesa que tem como missão oferecer livros para crianças e jovens que proporcionem reflexões acerca do mundo em que vivemos, despertando sua inteligência, seu espírito crítico e sua sensibilidade artística.

Biografia do ilustrador

Zaü, cujo nome real é André Langevin, nasceu em Rennes, na França, em 1943. Estudou artes gráficas na École Estienne em Paris e desde muito jovem começou a trabalhar em editoras de livros. Desenvolveu também ilustrações para jornalismo e publicidade, mas logo se destacou desenhando para crianças. Já ilustrou mais de cem livros infantojuvenis. Atento às diferenças e ao respeito à diversidade, tira sua inspiração de suas muitas viagens.

Sobre o livro *Mandela, o africano de todas as cores* e o gênero literário de memória, diário, biografia e relatos de experiências

Fora do livro, dentro da vida

Emerjo das ondas negras da noite,
Escuras como o poço que liga os polos,
E agradeço aos deuses, sejam quais forem,
Por me haverem dotado de alma indomável.

Prisioneiro dos fatos que me atormentam,
Não gemi nem chorei.
Sob o infortúnio dos golpes,
Estou acabado, mas de pé.

Além desse mundo de lágrimas e fúria,
Vejo apenas o horror das trevas,
Mas a terrível ameaça dos anos
Não me atinge nem assusta.

Pouco me importa a estreiteza dos caminhos,
Os penosos castigos em minha senda,
Sou senhor do meu destino.
Sou capitão da minha alma.¹

Símbolo internacional de resistência, Nelson Mandela passou 27 anos na prisão por defender os direitos da população negra contra o regime do apartheid, que restringiu oficialmente os direitos civis dos negros a partir de 1948, na África do Sul.

¹ “Invictus”, de William Ernest Henley, escrito em 1875. Tradução livre. O poema preferido de Nelson Mandela.

Mesmo encarcerado em terríveis condições que incluíam trabalho forçado e isolamento, Mandela nunca deixou de escrever e militar. Sua causa, a luta contra as leis que regulavam, entre outros pontos, o uso dos espaços públicos diferenciados para brancos e negros e proibiam o casamento inter-racial, ganhou expressão mundial, conquistando o engajamento de milhares de pessoas ao redor do mundo.

Essa é a história contada em *Mandela, o africano de todas as cores*, uma das mais revolucionárias do século XX, e da qual Nelson Mandela é personagem principal.

O livro de Alain Serres, com ilustrações de Zaï, não apenas reconta a trajetória desse grande líder, mas, com a força das boas palavras e das potentes ilustrações, nos aproxima de uma realidade diversa da nossa, nos transforma. Através de sua leitura, nos damos conta da força da convicção da luta e da ressignificação profunda da palavra *liberdade*, utilizada por Mandela com a exatidão das armas mais poderosas: “Ser livre não é apenas quebrar as próprias correntes, mas viver de uma maneira que respeite e aumente a liberdade dos outros.”

Sugestões de trabalho em sala de aula com a obra literária *Mandela, o africano de todas as cores*: momentos pré-leitura e pós-leitura.

Antes da leitura, durante a leitura

1.

Antes de iniciar a leitura do livro, o professor pode perguntar aos alunos se já ouviram falar sobre Nelson Mandela. Em caso afirmativo, o que conhecem de sua história e da luta empreendida por ele na África do Sul? O professor pode ler a famosa frase proferida por Nelson Mandela em junho de 1999 (e que está grafada no muro em frente ao Museu do Apartheid, na África do Sul): “Ser livre não é apenas quebrar as próprias correntes, mas viver de uma maneira que respeite e aumente a liberdade dos outros.” O tema do livro – a vida de Mandela, sua luta na África do Sul, a crença na mudança que seria empreendida socialmente, pouco a pouco e com muito esforço – está contido nela e no entendimento do que a palavra liberdade, quando aliada à luta contra as injustiças e opressões políticas, econômicas e sociais, significa. O professor de História pode ler, em partes, com os alunos o apêndice “Para compreender melhor”, localizado após a narrativa: há informações factuais e importantes sobre a África do Sul que ajudam a contextualizar e a aprofundar o tema do livro.

Como desdobramento da atividade, é interessante, inclusive, que o professor peça aos alunos que procurem o significado da palavra “liberdade” no dicionário e escrevam, individualmente, um pequeno parágrafo sobre o que ela significa em suas vidas. A posterior leitura de cada produção escrita (que pode vir acompanhada de um desenho) pode dar início ao trabalho com o livro. Os textos e os desenhos de cada aluno podem ficar expostos na sala de aula ou em um espaço comunitário da escola, para que todos tenham acesso a tão fundamental reflexão.

2.

O que o livro nos conta sobre a trajetória de Nelson Mandela? Ou, melhor dizendo, como ela é apresentada nas palavras escolhidas pelo autor, Alain Serres, e nas imagens desenhadas pelo ilustrador Zaü? O professor pode propor aos alunos que, juntos, sentados em uma grande roda, analisem os aspectos formais do livro e tomem nota dos detalhes revelados nesse primeiro contato com a obra para que, mais tarde, escrevam, individualmente, uma resenha – como se fossem jornalistas, ou críticos literários. Desta forma poderão não só treinar e testar sua oratória mas também modos de apresentar suas ideias por escrito.

Para tanto, o professor (ainda usando a palavra *liberdade* como um grande eixo condutor desse trabalho) pode escolher algumas frases marcantes do livro e, com os alunos, analisá-las em relação à narrativa como um todo e à vida de Nelson Mandela: “Para escrever a palavra liberdade, Mandela explica que é preciso conhecer todo o alfabeto”; “A liberdade talvez não passe disto: ver os olhos daqueles que amamos.” Posteriormente, e talvez contando com a ajuda do professor de Artes Plásticas, podem ser analisadas também as ilustrações do livro. A técnica escolhida pelo ilustrador, vibrante e emotiva, carregada de cores e intenções, nos faz mergulhar na história de Nelson Mandela com muita intensidade. Há, inclusive, repetições propositais de cores. O professor pode mostrar aos alunos as p.14 e 15, em que Zaü pinta o assassinato de negros que se manifestavam pacificamente: o que a imagem nos traz? Quais sentimentos provoca? Qual movimento, qual cor escolhida, o que a cena nos diz? Depois de os alunos emitirem suas opiniões, o professor pode ir para as p.48 e 49, onde há uma multidão comemorando – também sobre fundo vermelho-alaranjado – a liberdade de Mandela. As cenas se assemelham? E quanto ao que retratam? São momentos opostos (um retratando um massacre; outro, alegria e liberdade), mas apresentados sobre fundo e perspectiva parecidos. É proposital? O que o ilustrador nos diz com essas escolhas? E sobre o período em que Mandela está na prisão? Qual a paleta de cores usada

por Zaü? Reflexões assim podem surgir da conversa e, em seguida, ser registradas e desenvolvidas por cada aluno em sua resenha crítica.

3.

Como fecho para iniciar a leitura do livro, o professor pode retomar a primeira atividade: a escrita de um parágrafo e o desenho do que significa a palavra “liberdade” para cada um. O professor pode sugerir que passem pela exposição e, depois de ler e analisar a própria produção, a produção dos colegas e pensar na narrativa de *Mandela, o africano de todas as cores*, façam um novo parágrafo e um novo desenho. As produções mais recentes podem se misturar às antigas, adensando ainda mais as referências e significados.

Depois da leitura

1.

Por meio da história de Nelson Mandela, a turma mergulhou na realidade de exclusão e opressão vivenciada na África do Sul por décadas. O professor, aproveitando o material contido na seção “Para compreender melhor” e em parceria com o professor de Geografia, pode propor algumas aulas sobre as características geográficas da região. Posteriormente, pode incentivar os alunos a trazerem seus conhecimentos sobre o continente africano, que engloba países com realidades econômicas, sociais, políticas e climáticas muito díspares entre si – e que muitas vezes, no imaginário geral, são tidos como um só território, que sobrevive entre as savanas, os safaris e a miséria: uma injustiça frente ao universo de diversidade existente na África.

Em vista disso, pode-se propor aos alunos uma pesquisa aprofundada, dividindo a turma em grupos que se responsabilizem por diferentes regiões do continente africano, debruçando-se sobre suas principais características históricas, geográficas e culturais. Como continuidade da pesquisa – contando, também, com a ajuda do professor

de Artes —, cada grupo pode pegar uma grande caixa de papelão, forrá-la com *craft* (ou outro material de livre escolha) e, em cada um dos lados, representar graficamente a região pesquisada. Fotos de cidades, de manifestações culturais, de paisagens, textos e palavras serão expostos em grandes cubos que possam ser manuseados. A exposição pode ocupar um espaço comunitário da escola, para que mais pessoas tenham acesso ao conteúdo produzido.

2.

No videoclipe “Um corpo no mundo”, a cantora Luedji Luna fala sobre a experiência de ser uma jovem negra no Brasil e ter que lidar com uma enorme solidão por não ser reconhecida; por não estar entre iguais:

Eu sou um corpo
Um ser
Um corpo só
Tem cor, tem corte
E a história do meu lugar
Eu sou a minha própria embarcação
Sou minha própria sorte

Sugere-se que o professor assista ao videoclipe com os alunos (está disponível em: www.youtube.com/watch?v=V-G7LC6QzTA) e reflita em debate conjunto com a turma: a sensação de apagamento (de viver à parte, de apartheid?) contida nesta solidão, que acontece também no Brasil, e ainda nos dias atuais, é uma forma de racismo? Como lutar contra isso?

Referências sobre as diferentes literaturas africanas contemporâneas produzidas no continente podem ser apreciadas nos títulos a seguir. Alguns deles são voltados para o público juvenil – o que não impede, dada a qualidade literária das obras, de serem lidos também (ou em companhia) por adultos. Outros são voltados para o público adulto e, assim, podem fazer parte de uma biblioteca literária de matriz africana dos professores.

São os seguintes autores e seus respectivos livros: de Ondjaki, *Os da minha rua* (Língua Geral, 2012); *Bom dia, camaradas*; *Os transparentes* (Companhia das Letras, 2014 e 2013, respectivamente); de José Luandino Vieira, *A cidade e a infância*; *Luuanda* (Companhia das Letras, 2007 e 2006, respectivamente); de J.M. Coetzee, *Infância* (Companhia das Letras, 2010).

Esta breve seleção pode ser ainda completada por coletâneas escritas por autores africanos, tais como *Contos africanos dos países de língua portuguesa*, vários autores (Ática, 2009), e adaptações baseadas em realidades vividas no continente, por autores diversos, entre elas: *Contos de Moçambique*, de Luana Chnaiderman de Almeida (FTD, 2017); *Um amigo para sempre*, de Marina Colasanti, a partir da história de vida do escritor José Luandino Vieira (FTD, 2017); *A fazenda distante*, de Pierre-Marie Beaude (Edições SM, 2007).

Sugestão de trabalho em sala de aula com a obra literária *Mandela, o africano de todas as cores*, em atividade que agregue outras áreas e disciplinas para além da língua portuguesa.

A atividade a seguir pode ser realizada em conjunto com o professor de Inglês e de História: ela consiste na pesquisa de fatos históricos em dois sites diferentes. O primeiro, sobre Nelson Mandela; o segundo, sobre o apartheid.

Após a leitura do livro *Mandela, o africano de todas as cores*, o professor de inglês pode propor que os alunos, divididos em pequenos grupos, explorem diferentes abas do site da Nelson Mandela Foundation, em inglês, localizado no seguinte endereço: www.nelsonmandela.org. É interessante, como um resumo do que foi desenvolvido em sala de aula e também como uma imersão no idioma, que o professor apresente à turma o vídeo biográfico de Mandela que se encontra em www.nelsonmandela.org/content/page/biography e tem duração de cerca de 13 minutos. Depois disso, tiradas as eventuais dúvidas sobre o que ouviram e conseguiram compreender, o professor pode pedir que cada grupo destaque algo que aprendeu. A apresentação pode ser feita em inglês e/ou português, com o auxílio de cartazes ilustrados pelos alunos, com fotos e legendas em inglês para expor os conteúdos para a turma. Na aba “Mandela resources”, por exemplo, há um rico e vasto material histórico e iconográfico sobre Nelson Mandela que pode ser muito aproveitado como aprofundamento pelos alunos.

Com a assessoria do professor de História, os alunos podem continuar divididos em grupos para pesquisar o site do museu do apartheid: www.apartheidmuseum.org, também em inglês. A pesquisa pode suscitar reflexões importantes: como podemos entender o passado enxergando-o de frente, em nosso tempo presente? Colocar o apartheid em um museu tira a potência da crítica ou, ao contrário, faz com que os

horrores do preconceito e da segregação fiquem ainda mais evidentes? O professor pode estabelecer um tempo para que a turma reflita e debata sobre suas impressões, que posteriormente serão compartilhadas em classe. Nesse momento, os alunos poderão apresentar não apenas o que acharam de interessante na pesquisa, mas também, caso consigam formular, alguma resposta às provocações feitas pelo professor.

Para que a atividade não fique somente restrita ao uso da internet, o professor, ainda contando com a parceria do professor de História e, agora, do bibliotecário, pode pedir que os alunos pesquisem sobre o apartheid utilizando o acervo da biblioteca da escola ou de alguma biblioteca do bairro. Divididos nos mesmos grupos, podem levar para a sala de aula os livros que acharam mais interessantes e compartilhar as escolhas, além de justificá-las. Cada grupo, orientado pelos professores (que devem estar atentos às diversidades de informações e aspectos sobre o tema contidos nas escolhas, para que com elas toda a turma possa ter um rico panorama sobre o tema, nas mais diversificadas leituras), deve escolher um dos livros e redigir, em conjunto, uma apreciação crítica sobre ele: como o apartheid é retratado? O livro aprofunda o tema, o esclarece? Os textos, depois de escritos, podem circular entre os grupos e posteriormente formar um único volume de resenhas, escritas pelos próprios alunos, refletindo sobre o apartheid.